

O ANTIGO ENGENHO UTINGA, EM SÃO GONÇALO DO AMARANTE

Jeanne Fonseca Leite Nesi

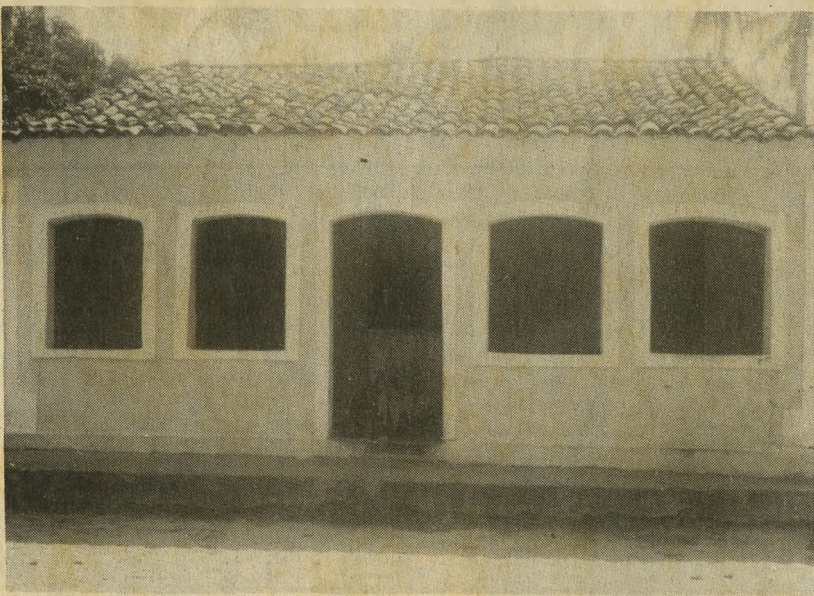
Arquiteta e Diretora do Centro de Documentação Cultural da Fundação José Augusto

O Engenho Utinga já funcionava em 1630. Naquele remoto ano o espião Adriano Verdonck, a serviço do partido holandês, fazia referências ao Engenho Cunhaú e a outros dois engenhos existentes na jurisdição do Rio Grande, os quais fabricavam pouco açúcar. Muito embora os nomes dos dois engenhos não tenham sido declarados por Verdonck, informações colhidas junto a outras fontes nos permitem identificá-los: eram os engenhos Potengi e Utinga.

Segundo o historiador Olavo de Medeiros Filho, um mapa holandês de 1638, de autoria de C.B. Golijath, redesenhado por J. Ving-Boons e publicado no "Monumenta Cartographica" de Wider, menciona o Engenho **Outinga**. Outro mapa, o de Jorge Marcgrave, de 1643, relativo à Capitania do Rio Grande, apresenta o topônimo **Itinga**, informando ali existir um engenho, com capela. É possível que a atual capela tenha sido construída no mesmo local da anterior, já existente à época do domínio holandês.

Pesquisando os livros remanescentes da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação do Rio Grande (Natal), Olavo de Medeiros Filho encontrou, a partir do ano de 1730, referências à Capela de Nossa Senhora do Socorro da Utinga.

O historiador norte-rio-grandense Manoel Nazareno Nogueira de Araújo, nos dá a seguinte informa-



ção: "O patrimônio do Povoado de Utinga compreende 70 braças quadradas de terra, doadas em 1877 a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, padroeira da localidade, conforme documento encontrado no antigo cartório de São Gonçalo. Quem fez a doação foi Dona Carlota, moça idosa, ali residente. A Capela de Utinga foi instalada em 1785".

A data de 1785 é a mesma que se acha inscrita no frontispício da capela. Na verdade, representa provavelmente a época em que o templo sofreu alguma reforma.

A Capela de Utinga é um bem de relevante interesse histórico. Apresenta partido de planta retangular, contida de capela-mor, nave e coro. Possui cobertura em duas

águas. Arrematando a cobertura, nas fachadas laterais o templo conserva ainda a beira seveira (beiral duplo), característica das edificações do século XVIII.

A fachada principal do templo apresenta um frontispício curvilíneo ladeado por dois pináculos, possuindo adornos singelos e cornija de massa. Compõe-se a fachada de uma porta de acesso ladeada por duas janelas. Ao nível do coro existem outras duas. Todas as esquadrias apresentam vãos de virgas com cercaduras de massa.

Internamente, a capela sofreu algumas modificações ao longo dos anos, porém teve a sua feição original restituída após a restauração executada pela Fundação José Augusto, em 1980. Os elementos dete-

riorados foram recuperados, e outros não condizentes com as características da capela foram substituídos, tal como o piso, que voltou a ser de tijoleira.

A Capela de Utinga acha-se tombada a nível estadual.

Duas singelas residências, edificadas pelo final do século passado, estão implantadas nas proximidades da capela. Uma delas ainda se conserva em bom estado e apresenta partido de planta retangular, desenvolvida em um único pavimento e coberta por telhado em duas águas, voltadas para as fachadas principal e posterior da casa.

Sua fachada, de composição simétrica, acha-se emoldurada por cunhais e cornija. Apresenta uma porta central ladeada por quatro janelas em vãos de arcos abatidos e cercaduras de massa. O interior permanece praticamente inalterado, pois apenas o piso sofreu transformação. A tijoleira antiga recebeu um revestimento de cimento.

A outra residência corresponde, em sua área, a pouco mais da metade da primeira, não sendo bom o seu estado de conservação. É provável que ambas as casas sejam de um mesma época. Aquela pequena casa, de linhas simples, preserva ainda todos os traços e características de sua fábrica original. Não possui forro, conservando, inclusive, o seu antigo piso de tijoleira.

FONTES:
Informações fornecidas pelo pesquisador Olavo de Medeiros Filho, "História de São Gonçalo", de Manoel Nazareno Nogueira de Araújo. Nordeste Gráfica Ltda, Natal, 1983; outras pesquisas procedidas pela autora.

